

O QUE QUER A VONTADE QUE QUER OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA?

What wants the will that wants journalistic objectivity?

¿Qué quiere la voluntad que quiere objetividade periodística?

Rafael da Silva Paes Henriques

Professor Associado do Depcom-UFES e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES
rafael.henriques@ufes.br

Resumo

Como valor fundamental da atividade, a objetividade jornalística é reivindicada por aqueles que produzem a notícia e também é requerida pelos cidadãos para quem o material jornalístico é produzido. Apesar do consenso sobre a sua importância, a definição sobre o que significa ser jornalisticamente objetivo, por outro lado, encontra mais de uma possibilidade conceitual. Por meio de revisão bibliográfica, este artigo levanta e classifica essas diferentes respostas para o problema da objetividade. Em um segundo momento, verifica-se, por meio de questionário de múltipla escolha, com quais posicionamentos conceituais os jornalistas, que atuam em Vitória-ES, mais se identificam. Como resultado, propomos a classificação de quatro posicionamentos teóricos frente à objetividade jornalística e apontamos que, a maioria das respostas de nossa amostra, se identifica com o *intersubjetivismo*.

Palavras-chave: Teorias do Jornalismo. Objetividade Jornalística. Percepção dos Jornalistas.

Abstract

As a fundamental value of the activity, journalistic objectivity is claimed by those who produce the news and is also required by the citizens for whom the journalistic material is produced. Despite the consensus on its importance, the definition of what it means to be journalistically objective, on the other hand, finds more than one conceptual possibility. Through bibliographic review, this article raise and classify these different responses to the problem of objectivity. In a second step, we verify, through a multiple choice questionnaire, with which conceptual positions the journalists from Vitória-ES most identify with. As a result, we propose the classification of four theoretical positions in relation to journalistic objectivity and we point out that the most reponses from our sample is identified with *intersubjectivism*.

Key words: Journalism Theory. Journalistic Objectivity. Journalists' Perception.

Resumen

Como valor fundamental de la actividad, la objetividad periodística es reclamada por quienes producen las noticias y también es requerida por los ciudadanos para quienes se produce el material periodístico. A pesar del consenso sobre su importancia, la definición de lo que

significa ser periodísticamente objetivo, por outro lado, encontra más de una posibilidad conceptual. A través de la revisión bibliográfica, este artículo plantea y clasifica estas diferentes respuestas al problema de la objetividad. En un segundo paso, se levanta, a través de un cuestionario de opción múltiple, con qué posiciones conceptuales se identifican más los periodistas que trabajan en Vitória-ES. Como resultado, proponemos la clasificación de cuatro posiciones teóricas en relación con la objetividad periodística y señalamos que la mayoría de las respuestas de nuestra muestra se identifica con el *intersubjetivismo*.

Palabras clave: Teorías del periodismo. Objetividad Periodística. Percepción de los Periodistas.

1 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

Como valor fundamental da atividade, a objetividade jornalística é reivindicada por aqueles que produzem a notícia e também é requerida pelos cidadãos para quem o material jornalístico é produzido. Apesar do consenso sobre a sua importância, a definição sobre o que significa ser jornalisticamente objetivo, por outro lado, encontra mais de uma possibilidade conceitual. Por meio de revisão bibliográfica, este artigo levanta e classifica essas diferentes respostas para o problema da objetividade, para, em um segundo momento, verificar com quais posicionamentos conceituais os jornalistas, que atuam em Vitória-ES, mais se identificam. Levanta-se, por meio de questionário de múltipla escolha, como esses profissionais entendem a natureza dos fatos e o que, efetivamente, pretendem quando buscam ser objetivos, ou seja, as suas percepções sobre o princípio jornalístico.

O levantamento qualitativo dos trabalhos acadêmicos, que discutem a noção de objetividade jornalística, foi realizado na Internet. Para a revisão de literatura teórica (FLICK, 2013), buscamos os termos “objetividade jornalística + imparcialidade + neutralidade + isenção” em três motores de busca diferentes: o Google Internet, o Google Acadêmico, e o Portal de Periódicos da Capes. O uso do Google comum se justificou como forma de ampliar os resultados, mas apenas o material científico foi levado em consideração. Como consequência, encontramos 180 investigações acadêmicas, publicadas em português.

A próxima tarefa foi realizar a triagem qualitativa em busca das investigações que, não somente tangenciam o problema da objetividade, mas que realmente investigam o que significa ser objetivo em jornalismo, já que é essa discussão que interessa aqui. Em uma grande quantidade de pesquisas científicas, a objetividade é apresentada como se fosse uma espécie de pressuposto óbvio e evidente, que não precisa de discussão ou de esclarecimentos. Apesar de investigarem o alegado respeito ou transgressão ao princípio da objetividade, muitos desses trabalhos não fazem nenhuma reflexão teórica sobre o que significa ser objetivo

e, por isso, não foram incluídos na coleta. Para realizar essa seleção, efetuou-se a leitura dos resumos dos trabalhos encontrados na pesquisa na Internet. No caso dos livros, realizou-se uma leitura dinâmica da versão física das investigações. Além da relevância para o debate proposto, a aceitação e citação por outros trabalhos científicos relativos ao tema, e a capilaridade perante a comunidade acadêmica, foram os critérios adotados para a inclusão ou exclusão dos textos.

Como resultado dessa revisão bibliográfica, identificamos e classificamos as obras em quatro posicionamentos possíveis para o problema da objetividade jornalística. Propomos que os trabalhos podem ser divididos nas seguintes respostas para a questão: no horizonte do *Realismo*, os textos mais representativos encontrados foram os de Amaral (1996), Gauthier (2015) e Tambosi (2003). Como pertencentes ao *Intersubjetivismo*, as investigações mais significativas foram as de Benemeck (2009), Franciscato (2005); Gomes (2009); Groth (2011); Guerra (2008); Hackett (1999); Martino (2014); Meyer (1989); Nuzzi e Barros Filho (1998) e Sponholz (2009). As obras de Genro Filho (2012); Moretzsohn (2007; 2016) e Souza (2016) respondem ao problema da objetividade jornalística a partir da *Dialética*. Por último, Tuchman (1999) entende a questão como *Ritual Estratégico*. Os nomes de cada um desses posicionamentos foram retirados dos próprios autores. Nem todos chegam a usar o termo, para definir o modo como entendem o problema da objetividade, mas pelo menos um deles, em cada grupo, o faz.

É verdade que essas obras não representam blocos homogêneos. Não se está defendendo a ideia de que não existam diferenças entre os autores listados em cada um dos posicionamentos listados acima. O que permite a classificação, proposta neste artigo, é uma leitura dos trabalhos a partir de posicionamentos que realizam certa combinação de concepções 1) ontológica; 2) epistemológica; e, conseqüentemente: 3) metodológica. Isso significa que o entendimento do que é, ou do que deveria ser a objetividade jornalística, nessas investigações, é o produto da conjugação de: 1) uma determinada compreensão do que são as “coisas”. Em outras palavras, a questão é saber se a realidade e a natureza dos fatos são anteriores à relação que estabelecemos com eles; 2) de certo entendimento sobre a possibilidade e a maneira como é possível conhecer o mundo em que vivemos. Isto é, se pergunta sobre as condições a partir das quais é possível conhecer os fatos de interesse jornalístico e sobre a qualidade do conhecimento que pode, efetivamente, ser alcançado; e 3) de um conseqüente modo mais “correto” e “adequado” de como os jornalistas devem ou

deveriam proceder para auferir objetividade. Nesta última dimensão, se discutem as melhores formas de agir para se chegar ao que interessa: a determinação do que ocorre.

Nesse sentido, os diversos autores(as) da revisão bibliográfica foram agrupados(as) na mesma classificação, quando entendem o problema de maneira distinta e desde as mesmas respostas teórico-metodológicas. Como toda síntese, ou proposta de classificação, as pequenas diferenças foram preteridas em função de destacar os pontos em comum, em busca de um agrupamento possível para a questão. Apesar de reconhecerem-se as particularidades, entende-se que os autores de cada grupo compreendem o problema do mesmo modo ontológico-epistemológico-metodológico, nos seguintes termos:

Para o *Realismo*, ontologicamente, o mundo se realiza desde a separação sujeito e objeto, ou seja, essas duas instâncias são originariamente autônomas e se constituem anteriormente às experiências. Nesse horizonte, conhecer corretamente a realidade é conhecer a sua dimensão objetiva nela mesma, isto é, independentemente da sua relação com quaisquer que sejam os sujeitos; e esse conhecimento é possível, já que é, e precisa ser acessível a nós. Logo, todo o esforço metodológico do jornalista deve ser o de livrar a relação, com os acontecimentos de interesse jornalístico, de qualquer interferência subjetiva, para não macular aquilo que possui uma existência independente de nós e anterior aos sujeitos cognoscentes: a realidade objetiva.

No *Intersubjetivismo*, nada muda ontologicamente na comparação com o posicionamento anterior: o fundamento da realidade, ou seja, a origem de todos os fenômenos permanece sendo determinada pela separação entre sujeitos e objetos, sem se questionar a autonomia e independência desses substratos. Entretanto há uma diferença epistemológica fundamental: nesse horizonte de compreensão, apesar do conhecimento também ser considerado uma operação viável, nunca nos é possível acessar a objetividade nela mesma, separadamente e independentemente de sujeito, restando como concepção de método mais adequado não mais aquele que apreende a “coisa em si mesma”, mas o que permite que o jornalista se aproxime o máximo possível dessa realidade primeira.

Nessa perspectiva, é preciso, não somente uma ação ativa do sujeito na construção do conhecimento certo e seguro, como também é preciso por à prova o resultado de suas apreensões, verificando e confirmando se outras subjetividades também chegaram às mesmas conclusões. Sendo assim, comparar os acontecimentos relatados com outros da mesma natureza; atualizar as ocorrências de modo a dar conta das suas possíveis alterações; submeter os fatos aos conceitos e classificações, que procuram descrever as principais características de

certos fenômenos; averiguar se outras pessoas também encontram os mesmos resultados (intersubjetividade), por exemplo, seriam caminhos para que o jornalismo se aproxime o máximo possível da objetividade. Resta ainda como problema filosófico resultante desse posicionamento, a dúvida sobre como se pode ter a garantia de que se está o mais próximo possível daquilo cuja determinação nos é inacessível. Pergunta que pode caracterizar a busca pela objetividade possível como uma questão de fé estatística.

Já na visão da *Dialética*, o fundamento da experiência não reside na separação entre sujeito e objeto, mas na relação entre esses dois termos. Isso quer dizer que, ao invés de instâncias autônomas e independentes, sujeito e objeto se co-determinam mutuamente, sendo o resultado de certa relação circunscrita histórico e socialmente. É verdade que os elementos a partir dos quais os fatos são construídos não dependem do sujeito para existir, mas a percepção e a apreensão dos fenômenos são inseparáveis de escolhas e recortes subjetivos no fluxo contínuo da objetividade. Para além da percepção social do fato, só existe a indeterminação de uma infinidade de aspectos, ângulos, características, perspectivas e dados objetivos potencialmente combináveis. Com isso, não se quer afirmar que a objetividade é uma invenção arbitrária do sujeito, mas que ela é uma fonte concreta e vasta de significações possíveis, que precisam sempre ser determinadas subjetivamente pelo jornalista ou por qualquer que seja o sujeito cognoscente.

Nesse horizonte epistemológico, o conhecimento implica sempre uma dimensão de construção dos fatos, que são produzidos dialeticamente de acordo com imperativos tanto objetivos quanto subjetivos. Com efeito, o conhecimento nunca é nem nunca poderá ser exaustivo, visto que isso significaria conhecer todas as relações possíveis entre as partes recortadas pela subjetividade e a totalidade da existência. Isso quer dizer que o conhecimento possível é sempre incompleto e parcial, resultado da dialética sujeito-objeto: nem puramente objetivo, nem estritamente subjetivo.

Os jornalistas revelam, mas também produzem os fatos desde o momento em que o percebem como sendo de interesse jornalístico. A sua apreensão não é uma etapa separada e anterior a sua interpretação, pois já é guiada e orientada por uma leitura possível de um acidente aéreo, por exemplo, como trágica fatalidade; criminosa negligência; grave perda de vidas humanas; desaparecimento inesperado de pessoa pública, etc. A partir do fluxo objetivo da realidade, os jornalistas recortam e produzem os fatos, determinando sua natureza, selecionando e hierarquizando seus inúmeros enfoques, e estabelecendo as conexões entre

diversos acontecimentos: definindo aqueles que são paralelos, conflitantes, concorrentes, sucessivos, etc.

Essas escolhas sempre obedecem a critérios que precisam estar claramente explicitados no produto jornalístico, como forma de respeitar o público leitor e também o próprio fenômeno. Indicar a perspectiva a partir da qual um fato é percebido e construído socialmente é uma maneira de prestar contas de uma complexa operação de produção de verdade realizada diariamente pelos jornalistas. Por isso, em termos metodológicos, os jornalistas deveriam ser mais transparentes quanto às condições, motivações e interesses que os levam a interpretar os acontecimentos da forma como eles são retratados. São esses fatores que fundam e que guiam a produção do relato jornalístico.

Assim como Sponholz (2009), também classificamos a pesquisa de Tuchman (1999) como uma referência à parte nos estudos sobre a objetividade jornalística justamente devido a sua abordagem particular. Em vez de realizar uma investigação no âmbito da ontologia ou da epistemologia, a autora descreve a questão da objetividade jornalística como sendo restrita a certo *Ritual Estratégico* da profissão. Nesse estudo, realizado no início da década de 1970, a socióloga defende a ideia de que independentemente de qual for o modo de entendimento da natureza da realidade, e de qual for a maneira considerada a mais adequada de se conhecê-la, os jornalistas são profissionais muito expostos a críticas, pressões quanto aos prazos e até mesmo a eventuais processos judiciais. Suas metodologias seriam, então, o resultado, não necessariamente de uma crença na obtenção da verdade absoluta, representada pela objetividade nela mesma, mas apenas modos de defesa desses ataques; maneiras de se proteger dos riscos da profissão.

Em resumo, Tuchman concluiu que, para os jornalistas investigados, a objetividade não é uma questão filosófica; não existe uma compreensão profunda de objetividade partilhada pela comunidade jornalística, mas ela se resume a um ritual estratégico desde o qual se determinam a forma, o conteúdo dos relatos, e até mesmo o modo como devem ser as relações interorganizacionais entre o jornalismo e o campo da política ou do judiciário, por exemplo.

Podemos sintetizar nossa proposta de classificação do seguinte modo, conforme a Tabela 1:

Tabela 1 – Síntese das respostas para o problema da objetividade

	ONTOLÓGICA	EPISTEMOLÓGICA	METODOLÓGICA	AUTORES
REALISMO	A realidade é estruturada desde a cisão entre sujeito e objeto. Essas duas instâncias são autônomas e independentes, ou seja, a objetividade é em si mesma porque <i>independe</i> de relação. A existência e a natureza dos fatos não dependem dos sujeitos.	É possível conhecer, mas o único conhecimento verdadeiramente certo e seguro é o conhecimento da objetividade nela mesma. Sendo assim, os fatos “puros” devem ser a meta do jornalismo. Conhecer é <i>revelar/representar fielmente</i> a objetividade.	O método jornalístico mais correto e adequado para se alcançar a verdade objetiva é aquele que <i>elimina</i> toda e qualquer mácula ou interferência dos jornalistas nos fatos.	Amaral (1996), Gauthier (2015) e Tambosi (2003).
INTERSUBJETIVISMO	A realidade é estruturada desde a cisão entre sujeito e objeto. Entretanto essas duas instâncias <i>não são</i> autônomas e independentes, visto que a objetividade é <i>construída intersubjetivamente</i> . A existência dos fatos não depende dos sujeitos, mas sua natureza está ligada a ação subjetiva.	É possível conhecer, mas o único conhecimento verdadeiramente certo e seguro é o conhecimento <i>intersubjetivo</i> . A meta do jornalismo deve ser se <i>aproximar</i> o máximo possível dos fatos, independentemente de interpretações. Conhecer é <i>representar/recriar</i> a objetividade nela mesma.	O método jornalístico mais correto e adequado para se <i>aproximar</i> , o máximo possível, da verdade objetiva é aquele que <i>minimiza</i> qualquer mácula ou interferência dos jornalistas nos fatos.	Benemeck (2009), Franciscato (2005); Gomes (2009); Groth (2011); Guerra (2008); Hackett (1999); Martino (2014); Meyer (1989); Nuzzi e Barros Filho (1998) e Sponholz (2009).

<p style="text-align: center;">DIALÉTICA</p>	<p>A realidade é estruturada desde a relação dialética sujeito-objeto. Essas duas instâncias <i>não são</i> autônomas e independentes, visto que a objetividade é <i>construída subjetivamente</i>, assim como a subjetividade é <i>construída objetivamente</i>. A existência e a natureza dos fatos dependem da construção dos sujeitos. Para além da interpretação subjetiva, só existe a indeterminação do fluxo objetivo.</p>	<p>É possível conhecer, mas isso significa <i>revelar</i> e, ao mesmo tempo, <i>interpretar</i> a realidade. Para o resultado ser verdadeiro, o jornalista deve sempre obedecer a elementos que são objetivos. Porém, até como condição necessária para a própria percepção e apreensão dos fenômenos, o jornalista também precisa <i>construir os fatos</i> a partir de determinados recortes no fluxo objetivo.</p>	<p>Apesar de ser a âncora de toda a realidade, a objetividade precisa necessariamente ser significada pelos sujeitos. O método jornalístico mais adequado é, portanto, aquele que procura dar <i>transparência à interpretação</i> desde a qual os fatos jornalísticos são construídos, obedecendo a parâmetros e critérios não somente do jornalismo como instituição, como também da organização jornalística responsável pelo produto.</p>	<p>Genro Filho (2012); Moretzsohn (2007), (2016) e Souza (2016).</p>
<p style="text-align: center;">RITUAL ESTRATÉGICO</p>	<p>Dimensão não discutida.</p>	<p>Dimensão não discutida.</p>	<p>O método jornalístico é o resultado de um <i>ritual estratégico</i> que reivindica a objetividade e determina uma série de procedimentos que visam a <i>salvaguardar</i> os jornalistas das pressões profissionais e eventuais processos judiciais.</p>	<p>Tuchman (1999).</p>

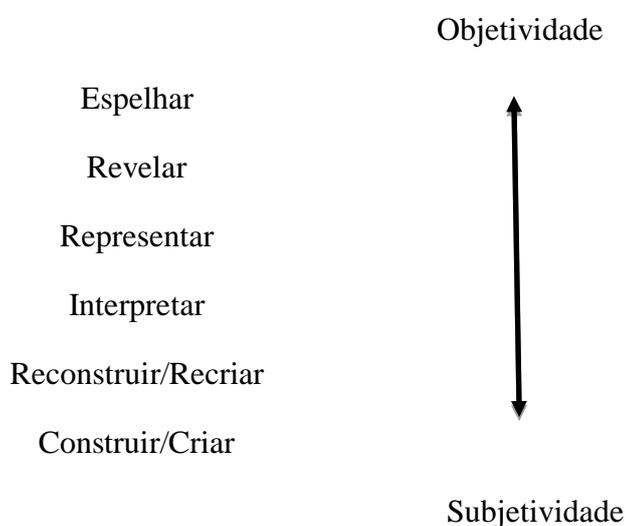
Fonte: Revisão bibliográfica realizada pelo autor.

Outra forma de se resumir as diversas maneiras de se compreender a operação realizada pelo jornalismo é identificar os verbos utilizados pelos autores para descrever a relação que se estabelece entre os jornalistas e a realidade. Cada um deles aponta para uma visão distinta do grau de objetividade/subjetividade atribuído ao relato jornalístico.

A distinção desses verbos, listados no gráfico 1, abaixo, não resulta de nenhuma contagem automatizada dos termos e da frequência com que aparecem na revisão bibliográfica, mas é fruto de uma operação manual de identificação da ação, reivindicada pelos autores, para que o jornalismo realize a correta e adequada descrição dos acontecimentos. Espelhar, por exemplo, é a operação mais próxima da objetividade, visto que independe de alguém que a realize. Ressalta-se que o verbo espelhar só aparece na revisão bibliográfica para ser refutado, não tendo sido indicado como ação possível ou mesmo

desejável para a atividade jornalística. Revelar, na metáfora fotográfica, é fazer ver algo cuja forma e natureza é pré-determinada, isto é, apesar de ser realizada por alguém, essa ação não pode sofrer nenhuma interferência subjetiva pelo fato de o negativo já ter sido sensibilizado anteriormente, de maneira quase que “automática”, pela luz. Os verbos representar e interpretar não podem prescindir da mediação, estando, portanto, no meio da escala exposta abaixo. Reconstruir/recriar, construir/criar já indicam ações bastante ativas, reconhecidamente ainda mais marcadas pela subjetividade.

Gráfico 1: Escala da relação jornalismo X realidade



Fonte: Síntese a partir de revisão bibliográfica realizada pelo autor.

2 A PERCEPÇÃO DOS JORNALISTAS DE VITÓRIA-ES

No segundo momento desta pesquisa, aplicamos um questionário *online* entre os jornalistas que atuam na Grande Vitória, para revelar quais são os modos como esses atores do campo jornalístico compreendem a objetividade. A ideia foi verificar a identificação, daqueles que atuam na prática, com as quatro respostas encontradas na revisão bibliográfica. Queríamos realizar o cruzamento entre as conceituações teóricas e os

entendimentos/percepções dos jornalistas. O questionário foi composto por seis questões de múltipla escolha, nas quais cada uma das quatro alternativas de respostas às perguntas equivaleu a cada um dos posicionamentos classificados pela revisão bibliográfica. Também incluímos uma quinta alternativa *Não sei/ou não quero responder* em cada uma das seis perguntas. A seguinte pergunta discursiva, não-obrigatória, também foi incluída: *Resumidamente, o que é a objetividade jornalística para você?*, como forma de identificar algum entendimento que não tenha ficado claro ou revelar algum aspecto que não tenha sido contemplado pelas perguntas objetivas.

Como cada um dos quatro posicionamentos encontrados pela revisão bibliográfica é o resultado de uma combinação de concepções ontológica, epistemológica e metodológica, as seis perguntas foram formuladas do seguinte modo: as duas primeiras questionaram o entendimento do que são as coisas, as ocorrências com as quais o jornalista se relaciona (visão ontológica): 1) Marque a alternativa que mais se aproxima do seu entendimento sobre o que são os fatos jornalísticos; e 2) Marque a alternativa que mais se aproxima da sua compreensão sobre a realidade no jornalismo. As duas seguintes perguntaram sobre a possibilidade e as condições de se conhecer a realidade (visão epistemológica): 3) Marque a alternativa que mais se aproxima do seu entendimento sobre a relação entre conhecimento e jornalismo; e 4) Marque a alternativa que mais se aproxima da sua compreensão da verdade no jornalismo. As duas últimas questões objetivas questionaram o entendimento dos jornalistas a respeito da maneira mais adequada de se proceder para alcançar a objetividade (visão metodológica): 5) Marque a alternativa que mais se aproxima do seu entendimento sobre os procedimentos jornalísticos; e 6) Marque a alternativa que mais se aproxima da sua compreensão de como o jornalismo deveria ser.

Cada uma das quatro alternativas de respostas, presentes em cada uma das seis questões do questionário, apresentou uma afirmativa que sintetiza o que cada um dos quatro posicionamentos, classificados a partir da revisão bibliográfica, entende que seja: a) a natureza dos fenômenos, no caso das duas primeiras perguntas; b) a natureza do conhecimento, nas perguntas de número 3) e 4); e c) o caminho mais adequado para realizar a mediação, nas duas últimas perguntas. As duas primeiras perguntas questionavam o que são os fatos jornalísticos e o que é a realidade no jornalismo, respectivamente. A título de exemplo da forma como se construiu as alternativas de todo o questionário, temos o que está resumido, na Tabela 1 exposta acima, sobre a visão do *Realismo* para a dimensão ontológica: “A realidade é estruturada desde a cisão entre sujeito e objeto. Essas duas instâncias são

autônomas e independentes, ou seja, a objetividade é em si mesma porque independe de relação. A existência e a natureza dos fatos não dependem dos sujeitos”. As alternativas *realistas*, nas duas primeiras perguntas, buscavam responder as questões expressando, o mais claramente possível, justamente, a anterioridade, autonomia e independência da objetividade com relação à subjetividade: *Os fatos são a matéria-prima do jornalismo, e correspondem à realidade anterior a qualquer que seja a cobertura jornalística; e A tarefa primordial do jornalismo é apresentar as coisas como elas são; representar a realidade pura, anterior a qualquer interferência subjetiva do jornalista*, sentenças respectivamente presentes como possibilidade de resposta às perguntas 1) e 2). Todo o esforço foi o de “traduzir”, e expressar em alternativas plenamente compreensíveis, os posicionamentos teórico-conceituais.

O questionário ficou disponível, via formulário do *Google*, do dia 01/07/2018 ao dia 01/08/2018. A divulgação do *link* para o formulário, entre os jornalistas que atuam na Grande Vitória, foi feita via *mailing* pessoal de ex-alunos de jornalismo da Ufes, via redes sociais, e por meio da ajuda do Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo (Sindijor-ES), que o divulgou entre os seus associados e na página do sindicato no *Facebook*. A construção da amostra não-probabilística, portanto, se deu por conveniência e em bola de neve (VINUTO, 2014), visto que dependeu do recebimento direto do convite ou do encaminhamento da chamada, realizado pelos jornalistas sementes, que já haviam recebido o *link* primeiramente. Isso significa que os resultados não podem ser generalizados, por estarem sujeitos a vieses.

Segundo a Superintendência Regional do Trabalho, havia 3.892 jornalistas registrados no Espírito Santo, em agosto de 2018. O sistema não é capaz de precisar quantos desses registros representam profissionais que atuavam na região metropolitana. De acordo com o MTb/RAIS e CAGED, apenas 118 jornalistas trabalhavam com carteira assinada na Grande Vitória, em julho de 2018. A chamada para o questionário convocou todos os jornalistas que atuam na região, independentemente da função, área de atuação ou do tipo de contrato de trabalho e obteve o total de 52 respostas.

Os resultados da aplicação deste questionário foram classificados de modo a identificar quais são as perspectivas majoritárias entre os jornalistas, ou seja, a ideia era saber a quais entendimentos os jornalistas se filiam e discutir conceitualmente suas possíveis consequências para a prática jornalística. Devido à complexidade da questão, não se esperava uma coerência dos(as) participantes, de modo a haver uma única filiação teórico-conceitual; não havia a expectativa de que cada um(a) dos(as) jornalistas escolhesse as seis respostas equivalentes, relativas a um único posicionamento classificado por esta investigação. A

intenção foi, na verdade, desde a proposta de classificação, levantar as visões prevaletentes nas respostas aos problemas ontológico, epistemológico e metodológico, em vez de medir a filiação pessoal dos(as) respondentes a uma única compreensão teórico-prática.

3 PERCEPÇÕES ONTOLÓGICAS DOS JORNALISTAS

Ontologicamente, a maioria dos jornalistas acredita na separação entre sujeito e objeto como fundamento da existência, de modo que a objetividade nela mesma é a meta e o objeto de desejo dos jornalistas seja por alcance, seja por aproximação. Isso porque as duas primeiras alternativas referentes ao *Realismo* e ao *Intersubjetivismo*, somadas, foram escolhidas por 55,8%, na primeira pergunta do questionário, de caráter ontológico: *1) Marque a alternativa que mais se aproxima do seu entendimento sobre o que são os fatos jornalísticos*, 40,4% escolheram a alternativa *a) Os fatos são a matéria-prima do jornalismo, e correspondem à realidade anterior a qualquer que seja a cobertura jornalística*; e 15,4% optaram pela letra *b) Os fatos são a própria objetividade, ou seja, a realidade em si mesma, independente do contato com os jornalistas*.

Entretanto, um número expressivo de jornalistas, que participaram da pesquisa, não acredita na existência dos fatos objetivos, já que 42,3% respondeu a letra *c) Não existem fatos objetivos. Os fatos jornalísticos são, na verdade, o resultado de uma interpretação da realidade, operada pelo jornalismo*, alternativa que representava a resposta *Dialética*. Apenas 1,9%, o equivalente a um(a) único(a) entrevistado(a), escolheu a letra *d) Os jornalistas estão preocupados em apresentar fatos, que pareçam objetivos, como forma de se livrar de eventuais processos judiciais*, que se refere à quarta resposta para o problema da objetividade: o *Ritual Estratégico*. Nenhum(a) entrevistado(a) optou pela alternativa *e) Não sei/ou não quero responder*.

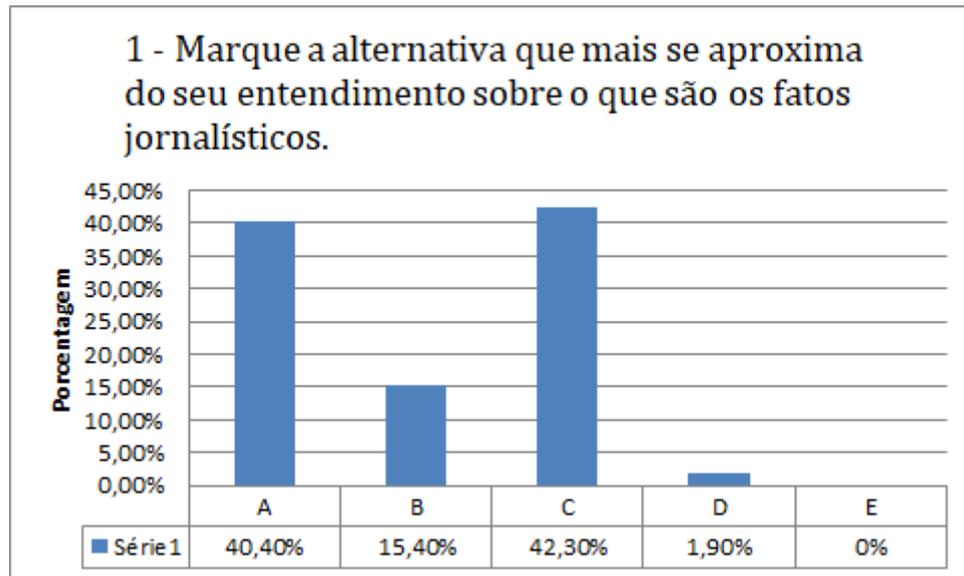


Gráfico 2 - Distribuição das 52 respostas na primeira pergunta.

Diante da segunda pergunta de natureza ontológica, *2 - Marque a alternativa que mais se aproxima da sua compreensão sobre a realidade no jornalismo*, os números foram mais equilibrados, ainda que a visão que funda a existência na separação sujeito e objeto tenha, mais uma vez, prevalecido. Somadas, as alternativas d) e a) representaram 46,2%, distribuídos da seguinte forma: 38,5% escolheram a letra d) *A tarefa primordial do jornalismo é apresentar as coisas como elas são; representar a realidade pura, anterior a qualquer interferência subjetiva do jornalista*. E 7,7% marcaram a alternativa a) *Quando entram em contato com a realidade, os jornalistas se deparam com acontecimentos cuja existência não depende de interpretações, e, em última instância, são esses acontecimentos que devem ser retratados*.

Ainda que não tenha representado a compreensão majoritária, um grande número de jornalistas responde de modo *Dialético* ao problema da objetividade, visto que 42,3% responderam a letra c) *A realidade é sempre uma perspectiva, não havendo nenhuma essência por trás dos acontecimentos com os quais os jornalistas se relacionam. O jornalismo é uma forma de interpretar o mundo em que vivemos*. Outros(as) 7,7% responderam a letra b) *A realidade no jornalismo é construída a partir de um método que procura não envolver os jornalistas no processo de construção das notícias*, que correspondia ao *Ritual Estratégico*. E 3,8%, ou seja, dois(uas) participantes, responderam que não sabiam ou preferiram não responder.

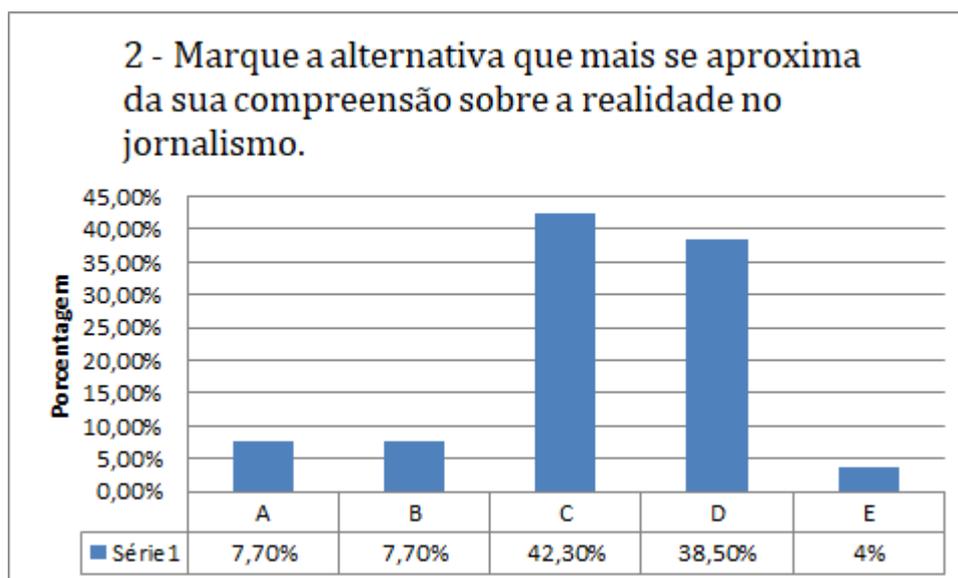


Gráfico 3 - Distribuição das 52 respostas na segunda pergunta.

Podemos concluir que, ontologicamente, a maior parte dos(as) entrevistados(as) se identifica com a primeira ou segunda respostas classificadas pela revisão bibliográfica (*Realismo e Intersubjetivismo*), ou seja, entendem que a realidade é estruturada desde a cisão sujeito e objeto, embora tenhamos encontrado um número bastante expressivo de respostas que corroboram o terceiro posicionamento, a *Dialética*. Isso quer dizer que a maioria ainda acredita na existência dos fatos “em si”, com uma natureza pré-constituída, embora um número estável e elevado de jornalistas 42,3%, o que equivale a 22 entrevistados(as), respondeu de acordo com a *Dialética* tanto na primeira quanto na segunda pergunta de cunho ontológico do questionário.

4 PERCEPÇÕES DA QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA NO JORNALISMO

A terceira questão perguntou: 3 - *Marque a alternativa que mais se aproxima do seu entendimento sobre a relação entre conhecimento e jornalismo.* Para 57,7%, d) *O jornalista nunca alcança a realidade em sua totalidade, porque há sempre alguma interferência subjetiva na atividade jornalística. Mesmo assim, é dever do jornalista chegar o mais próximo possível da objetividade.* Essa ideia de objetividade por aproximação representa o *Intersubjetivismo* e se mostrou largamente como a visão majoritária nesta questão. 28,8% responderam de acordo com a *Dialética*, isto é, com a terceira resposta classificada, indicando a letra a) *O jornalismo é capaz de conhecer a realidade, mas isso não significa que o resultado será a revelação de uma verdade absoluta. Conhecer não é revelar uma suposta*

objetividade, mas é interpretar a realidade. E ainda 13,5% responderam a alternativa que representa o Realismo: c) *O jornalismo tem por obrigação conhecer a verdade dos fatos, independentemente de possíveis interpretações. O bom jornalismo é aquele que alcança a realidade objetiva.* As alternativas b) *O conhecimento produzido pelo jornalismo é o resultado da aplicação de uma metodologia que pretende livrar os jornalistas de possíveis responsabilizações por aquilo que publicam,* equivalente ao *Ritual Estratégico*, e e) *Não sei/ou não quero responder,* não obtiveram nenhuma resposta.

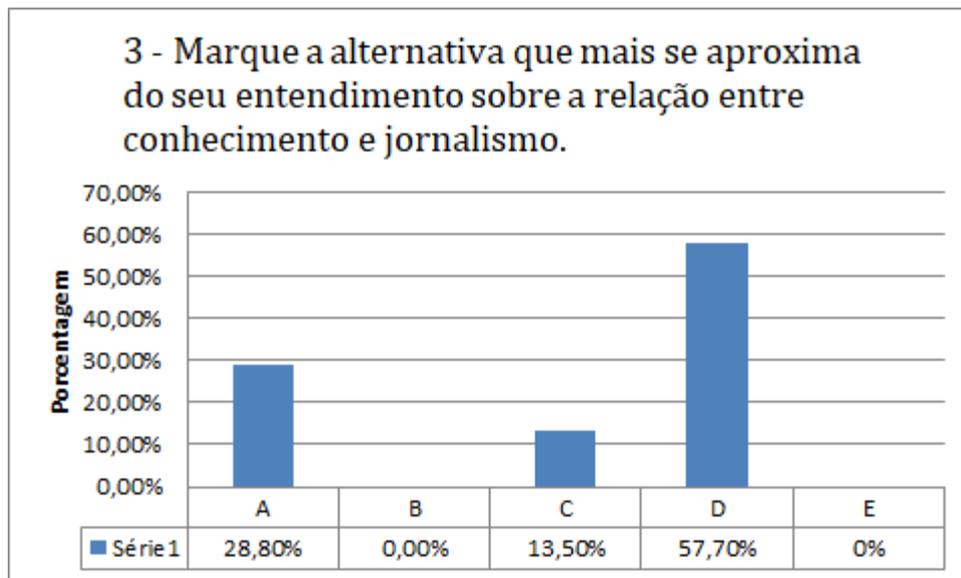


Gráfico 4 - Distribuição das 52 respostas na terceira pergunta.

Os resultados da segunda pergunta de caráter epistemológico variaram bastante na comparação com a primeira. Vejamos os números: 4 - *Marque a alternativa que mais se aproxima da sua compreensão da verdade no jornalismo.* Para 57,7% dos(as) entrevistados(as), c) *O jornalismo não é capaz de produzir verdade absoluta. E isso vale também para a ciência e qualquer outra atividade. A verdade é sempre parcial e é o resultado de uma construção a partir de uma perspectiva adotada.* Ou seja, ao contrário da pergunta de número 3, em que boa parte dos(as) participantes se identificou com a ideia de uma objetividade por aproximação, a grande maioria corroborou a terceira resposta ao problema da objetividade: a *Dialética*. Tanto a pergunta 3, quanto a questão 4, do questionário, perguntaram sobre a possibilidade do jornalismo conhecer a verdade, mas dependendo da forma como se perguntou, a distribuição das respostas mudou muito. Uma das hipóteses que levantamos é a de que a quarta pergunta faz menção direta a palavra *verdade*, já muito desgastada e desacreditada na contemporaneidade, o que pode ter levado os(as)

participantes a se identificar com a negação da *verdade absoluta*, contida na sentença da letra c).

Ainda na quarta questão, 17,3% marcou a alternativa equivalente à busca pela objetividade por aproximação, o *Intersubjetivismo*: b) *Como não é possível acessar os fatos puros, a verdade no jornalismo é a busca incansável por uma aproximação da realidade objetiva*. Para 13,5%, d) *O jornalista só encontra a verdade quando apresenta os fatos sem nenhuma interferência subjetiva. A verdade é alcançada quando o jornalismo consegue revelar a realidade objetiva*, alternativa que advoga a possibilidade de alcançar a realidade objetiva, ou seja, que corresponde à primeira resposta classificada por este estudo, o *Realismo*. Por último, para 11,5%, a) *Os jornalistas aplicam técnicas e procedimentos para dar a impressão de verdade a seus relatos. A ideia é parecer que os jornalistas apresentaram o que aconteceu sem interferir no processo*. As alternativas equivalentes ao *Ritual Estratégico*, e e) *Não sei/ou não quero responder*, não obtiveram nenhuma resposta.

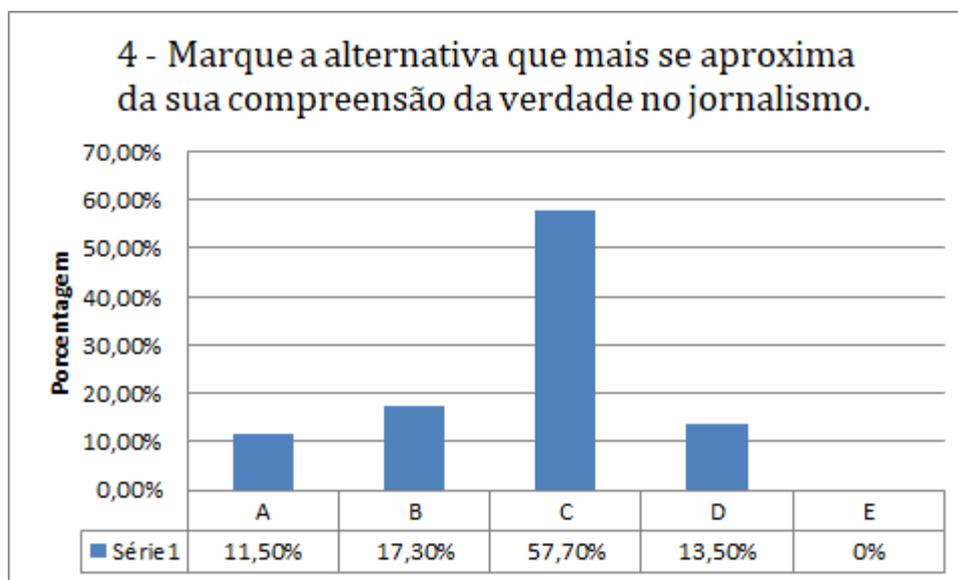


Gráfico 5 - Distribuição das 52 respostas na quarta pergunta.

Em síntese, podemos concluir que, epistemologicamente, os(as) jornalistas acreditam na possibilidade de que a atividade jornalística produza conhecimento válido, visto que a grande maioria ou defende a ideia de uma máxima aproximação possível da objetividade, ou acredita que o jornalismo traz à luz uma perspectiva do que aconteceu, sendo ambas maneiras legítimas e possíveis de descrever o que ocorre, apesar das diferenças. Mas é forçoso reconhecer que, apesar de convergirem na afirmação da possibilidade de se conhecer, *Intersubjetivismo* e *Dialética* diferem bastante no que diz respeito à natureza desse

conhecimento e ao papel da interpretação subjetiva nesse processo. Destaca-se que essa aparente contradição no fato da distribuição das respostas ter variado bastante entre as perguntas 3) e 4), com maior frequência da *Dialética* na terceira pergunta e do *Intersubjetivismo*, na segunda, pode decorrer, em realidade, justamente de uma visão não-dicotômica da questão. A ideia de perspectiva ou interpretação pode não ter sido entendida pelos(as) entrevistados(as) como construção arbitrariamente subjetiva, ou como abandono da objetividade, mas pelo contrário, como justamente uma forma de se aproximar do que efetivamente ocorreu, entendimento que associa os dois posicionamentos.

Em teoria, no *Intersubjetivismo*, conhecer é representar a objetividade nela mesma, por aproximação. Já na *Dialética*, como condição necessária para a própria percepção e apreensão dos fenômenos, o jornalista também precisa interpretar os fatos, a partir de determinados recortes no fluxo objetivo. No primeiro, para aproximar-se o conhecimento precisa ser entre sujeitos; no segundo entendimento, a boa mediação é resultado de uma adequada interpretação subjetiva da objetividade. Pela distribuição das repostas, é seguro afirmar que os(as) participantes acreditam na possibilidade de se conhecer, mas não há muita clareza conceitual sobre o tipo de conhecimento que é, ou que deve ser, produzido.

5 PERCEPÇÕES DO QUE REPRESENTA O MÉTODO JORNALÍSTICO

No que diz respeito à questão metodológica fizemos duas perguntas: A primeira, 5 - *Marque a alternativa que mais se aproxima do seu entendimento sobre os procedimentos jornalísticos*, obteve os seguintes resultados: 61,5% dos(as) entrevistados(as) se identificou com o *Intersubjetivismo*, que defende a ideia do emprego de técnicas para uma devida aproximação da objetividade, e marcou a alternativa d) *Como o jornalismo é baseado na linguagem, não é possível evitar que alguma opinião sempre apareça nos relatos, mesmo que de modo implícito. Ainda assim, é preciso seguir uma estratégia que minimize essas interferências, como, por exemplo, ouvir diversas pessoas diferentes sobre um mesmo assunto*. Para 15,4%, c) *A realidade retratada pelo jornalismo é resultado da perspectiva que serve de base para toda e qualquer leitura do mundo. É desde um argumento religioso, por exemplo, que uma reportagem pode mostrar que a distribuição de seringas a usuários de drogas pode incentivar o consumo de entorpecentes. Sendo assim, o jornalista deveria sempre deixar claro qual é a perspectiva desde a qual está construindo o seu relato*, alternativa que equivale à *Dialética*. 11,5% dos(as) jornalistas partilham da visão classificada

como *Realismo*, pois marcaram a alternativa a) *Para revelar corretamente a realidade, o jornalismo deve adotar um procedimento que consiga afastar toda a subjetividade do jornalista no relato. A proibição do uso de adjetivos é uma dessas metodologias.* 7,7% responderam a letra b) *O método jornalístico é uma forma de resguardar os jornalistas de eventuais problemas com as fontes de informação ou mesmo com a Justiça. É por isso que os profissionais usam de estratégias textuais para apagar vestígios de eventuais opiniões ou posicionamentos,* alternativa que equivale ao *Ritual Estratégico* e ainda 3,8%, dois(uas) participantes, marcaram e) *Não sei/ou não quero responder.*

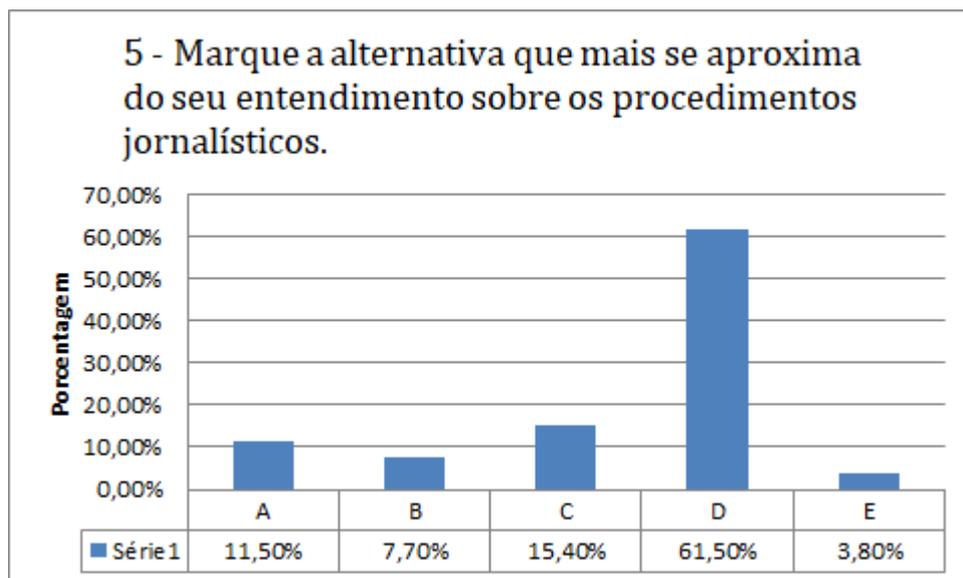


Gráfico 6 - Distribuição das 52 respostas na quinta pergunta.

A última pergunta objetiva apresentou o seguinte questionamento: 6 - *Marque a alternativa que mais se aproxima da sua compreensão de como o jornalismo deveria ser.* Para 53,8% dos(as) entrevistados(as), a) *Os jornalistas deveriam ser transparentes quanto aos motivos e interesses que os levam a retratar os acontecimentos que passam a fazer parte da cobertura jornalística. Com mais transparência com relação aos seus próprios critérios e procedimentos, o jornalismo poderia contribuir para uma sociedade mais crítica e independente.* Isso significa que a maior parte dos(as) participantes se identificou com a *Dialética*. Já 23,1% dos participantes escolheu a letra b) *A função do jornalismo é ser para a sociedade o que a percepção é para o indivíduo. Para cumprir com essa missão, a atividade deve ser neutra e imparcial como uma espécie de espelho da realidade,* que representa a visão do *Realismo*. 17,3% dos(as) jornalistas, que responderam ao questionário, se identificam com o *Intersubjetivismo* e marcaram a alternativa d) *O jornalismo tem como tarefa transmitir o*

que realmente aconteceu, mas a objetividade nunca é plenamente alcançada. O relato jornalístico deve, então, procurar o maior número de pessoas possível, que partilhem da mesma visão sobre os acontecimentos. Assim, estará mais perto da realidade dos fatos. 3,8% não souberam ou preferiram não responder, enquanto que 1,9%, ou seja, um(a) participante optou pela alternativa equivalente ao *Ritual Estratégico*: c) *O jornalismo deve usar seu método de escrita e representação da realidade para resguardar os direitos e a segurança dos profissionais que se empenham em tornar públicos os acontecimentos de interesse geral.*

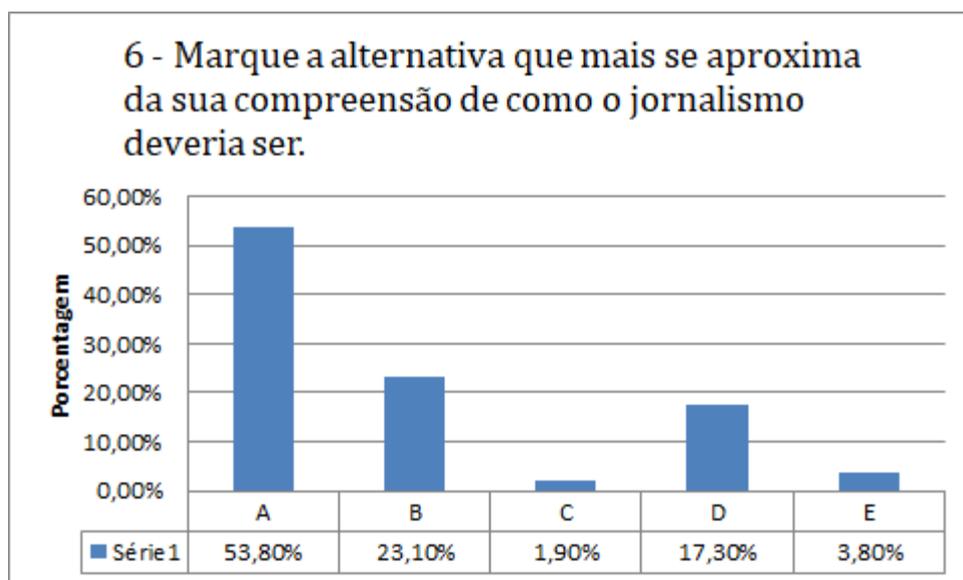


Gráfico 7 - Distribuição das 52 respostas na sexta pergunta.

No que diz respeito à metodologia a ser empregada, podemos concluir que as respostas também não foram homogêneas. Tanto na quinta quanto na sexta pergunta uma das alternativas se destacou largamente entre as outras. Porém, na quinta questão, a alternativa correspondente ao *Intersubjetivismo* alcançou mais de 60% das respostas, o maior percentual atingido em todo questionário. O método jornalístico deve garantir aproximação da realidade objetiva. Enquanto que, na última questão objetiva, a grande maioria (53,8%) se identificou com a *Dialética*. Como conclusão, talvez até pela forma como as alternativas foram elaboradas, apelar para uma maior transparência quanto aos motivos, interesses, critérios e procedimentos, não significa, necessariamente, deixar de buscar a objetividade seja por aproximação seja por apreensão e revelação. Sendo assim, consideramos que a grande adesão à alternativa a) não representa forçosamente uma desistência da objetividade como meta. Tanto é assim que, se somadas as respostas equivalentes ao primeiro e segundo posicionamentos classificados, o número chega a 40,4% dos(as) entrevistados(as). Ou seja,

esse número expressivo de jornalistas acredita que o método jornalístico deve conduzir a representação da realidade ou a uma aproximação dela.

A pergunta discursiva não era obrigatória, mas, mesmo assim, foi respondida por 41 jornalistas, isto é, 78,8% da amostra. *Resumidamente, o que é a objetividade jornalística para você?* As respostas dos(as) jornalistas também foram classificadas, mas, devido a limitações deste espaço, apresentamos apenas as mais representativas de cada grupo:

a) Realismo (22%):

5 - “Se ater aos fatos, ouvir diversas opiniões e com honestidade transmitir seu produto final para a sociedade”.

12 - “Retratar o que acontece da maneira que acontece”.

14 - “É transmitir somente o fato em si”.

b) Intersubjetivismo (46%):

4 - “É um ponto de chegada aonde nunca se chega. Mas que te guia para ser o mais preciso possível na sua apuração. Uma forma de deixar claro que o jornalista é subjetivo, tem suas próprias referências e interpretações, mas que existe um objetivo maior a ser alcançado. O de noticiar da forma mais honesta possível diante de todos os preceitos de um bom jornalismo”.

21 - “Objetividade jornalística é um dos fundamentos do jornalismo, mas sabemos quão difícil é relatar os fatos com tamanha precisão. Afinal, são diversas interferência, leituras e interpretações daquilo que se diz como verdade. Acredito que o papel do jornalista é tentar chegar o mais próximo possível desta realidade. Apurar os fatos com imparcialidade e buscar o melhor caminho com técnicas para cumprir com sua responsabilidade perante a sociedade. A objetividade é quase um mito, entretanto, não é por esse motivo que devemos nos isentar de nosso papel”.

31 - “A objetividade jornalística é uma forma de o jornalismo se tornar o máximo possível imparcial dos fatos relatados, para contar a história de forma clara e com o mínimo de interpretações que não sejam aquelas incluídas na reportagem”.

c) Dialética (12%):

7 - “Não existe. Mesmo se distanciando subjetivamente dos fatos, o jornalista está sempre sujeito a autocensura que o impede de ser objetivo”.

11 - “Uma das lentes pela qual podemos enxergar um fragmento da realidade”.

35 - “É ser honesto com o público, apresentar seu relato sobre os fatos deixando claro a partir de que perspectiva - editorial/pessoal - ele está sendo apresentado”.

d) Uma questão de técnica ou de texto (sem que se esclareçam as premissas ontológicas e epistemológicas) ou inclassificáveis (20%):

23 - “Clareza, Coerência e Coesão”.

27 - “É uma técnica para relatar o fato jornalístico: o quê, quem, como, onde, quando e por quê. É um relato conciso, claro e sem adjetivação, dando espaço ou voz a opiniões contrárias. Nos veículos impressos, essa técnica é concluída na estrutura do lead, do sub lead e matérias coordenadas ou retrancas. No fim, jornalismo é um discurso sobre a realidade ou sobre a percepção da realidade com o emprego da técnica da objetividade”.

38 - “É o conjunto dos elementos e ações escolhidas como metodologia para produzir o que se determinou como notícia”.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao se realizar o cruzamento entre as conceituações teóricas e os entendimentos e percepções dos jornalistas, levantados pelo questionário, pode-se concluir que o modo majoritário, daqueles que atuam diretamente no campo do jornalismo, é o que entende a objetividade como um norte para a atividade; um ideal que, apesar de nunca ser alcançado, deve continuar sendo a meta de todo fazer jornalístico. A objetividade por aproximação, isto é, o *Intersubjetivismo*, apareceu como a maneira com a qual os(as) jornalistas mais se identificaram, tanto nas questões de múltipla escolha, quanto na pergunta discursiva, na qual os(as) participantes puderam descrever, resumidamente, como compreendem o conceito de objetividade.

Isso significa que, na maioria das respostas, a realidade é o resultado da separação de sujeito e objeto, de modo que o papel de todo o trabalho jornalístico é realizar a junção disso que é dividido em sua origem: a interioridade de um sujeito jornalista e a exterioridade dos fatos jornalísticos, objetos com os quais esses(as) profissionais se relacionam no dia-a-dia da atividade. Por outro lado, apesar de ser a meta, a objetividade nela mesma nunca é alcançada, cabendo aos(as) jornalistas a tarefa de realizar todos os esforços para se aproximar o máximo possível dessa “essência” dos fatos.

O resultado dessas compreensões ontológica e epistemológica é um método que procura minimizar qualquer interferência subjetiva no processo de produção da notícia, quando, por exemplo, ouvem-se diversas pessoas diferentes sobre um mesmo assunto. Esse posicionamento frente ao problema da objetividade jornalística é o que dispõe de mais bibliografia disponível, o que, de certa maneira, pode explicar a forte adesão das respostas a essas ideias.

Para surpresa desta investigação, a *Dialética* foi um posicionamento, classificado pela nossa revisão bibliográfica, com o qual uma parcela também muito significativa das respostas corroborou. Ele parte de premissas bastante distintas, em que o mundo não se estrutura desde a separação sujeito e objeto, mas na relação dialética entre esses termos. Nessa perspectiva, a objetividade deixa de ser o melhor parâmetro para se avaliar a verdade do conhecimento, já que, apesar de ser a âncora de toda a realidade, ela precisa, necessariamente, ser significada pelos sujeitos. Enquanto fluxo contínuo indeterminável, a objetividade nem pode ser alcançada, nem deveria permanecer como meta ou utopia da atividade jornalística. Restaria a(o)s jornalistas apenas respeitar os limites impostos por elementos objetivos e explicitar desde que interpretação organiza e dá sentido aos fenômenos que relata (HENRIQUES, 2021). A 11ª resposta discursiva do questionário vai ao cerne do posicionamento ao afirmar que a objetividade é “Uma das lentes pela qual podemos enxergar um fragmento da realidade”.

Sendo assim, o resultado prático dessa leitura seria um jornalismo menos preocupado com a “essência” dos fatos e acontecimentos relatados, e mais atento à transparência; à tarefa de esclarecer desde que perspectiva ou perspectivas o produto jornalístico foi elaborado. O curioso é que, entre os estudos que trabalham o problema da objetividade jornalística, encontraram-se apenas os textos de Gomes (2009) e Genro Filho (2012), que fazem a reflexão filosófica necessária para se superar a cisão sujeito-objeto, apesar de Gomes (2009) não concluir de modo completamente diferente do metafísico ao tentar salvar uma propriedade “essencial” daquilo que se realizou (HENRIQUES, 2018; 2019). É interessante destacar, que mesmo com a escassez de investigações, muitas respostas ao questionário se filiaram ao terceiro posicionamento classificado pela revisão bibliográfica. Temos que reconhecer que, devido às limitações deste estudo, talvez as premissas filosóficas referentes à *Dialética* não tenham ficado claras nas curtas questões de múltipla escolha propostas, e nem seria possível explicá-las em algumas linhas. É desse modo, que se lança como hipótese que os(as) entrevistados(as) tenham compreendido a interpretação, inerente à atividade jornalística, não

como um abandono ou relativização da objetividade, mas como mais uma tentativa de aproximação dela. Nesse horizonte, a interpretação estaria a serviço do esforço de ficar o mais perto possível da objetividade, e não de uma construção, um recorte subjetivo, no fluxo objetivo.

Podemos concluir com mais convicção, a partir dos resultados encontrados, que o posicionamento que acredita na possibilidade de apreensão e representação fiel da objetividade nela mesma encontra identificação entre poucos(as) jornalistas, aparecendo com mais expressão apenas nas respostas discursivas. Um número menor ainda de respostas, quase insignificante, corrobora a quarta e última resposta frente ao problema da objetividade e compreende o tema como sendo apenas uma questão de *Ritual Estratégico* de defesa dos profissionais. Isso significa que a grande maioria dos(as) profissionais entrevistados(as) possui uma visão da objetividade para além da mera formalidade, por mais que suas premissas filosóficas muitas vezes não estejam totalmente esclarecidas.

Reforça-se que esses achados apontam as visões prevalecentes nas respostas, e sublinha-se que não se pretendia medir a filiação pessoal dos(as) participantes. Devido à complexidade da questão, é plenamente possível – e até esperado – que os(as) jornalistas tenham respondido de acordo com mais de um posicionamento, em cada uma das perguntas. Sendo assim, a aparente coesão e uniformidade desta síntese final não tem o objetivo de fazer generalizações a respeito da amostra, mas apenas organizar os resultados em torno das respostas predominantes.

A aplicação deste questionário constituiu-se como pesquisa exploratória com o objetivo de testar a ferramenta, em amostra reduzida, e corrigir as eventuais limitações metodológicas. Os resultados encontrados serviram de base para a realização de outra investigação (HENRIQUES, 2022), que identificou as percepções de objetividade jornalística de profissionais que atuam em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto Editores, 1996.

BENEMECK, Ben-Hur. **Objetividade jornalística: o debate contemporâneo do conceito**. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, p.41-51, 2013.

FRANCISCATO, C. E. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

GAUTHIER, Gilles; DA COSTA, Andriolli de Brites. A verdade: visada obrigatória ao jornalismo. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 12, n. 2, p. 204-215, 2015.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a rigor V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Série Jornalismo a rigor V. 1. Florianópolis: Insular, 2009.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUERRA, Josenildo. **O percurso interpretativo na produção da notícia**. Verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

HACKETT, Robert. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2a. ed. Lisboa: Vega, p. 101-130, 1999.

HENRIQUES, Rafael Paes. O problema da objetividade jornalística: duas perspectivas. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 17, n. 1, p. 256-268, 2018.

HENRIQUES, Rafael Paes. Realismo, perspectivismo e a questão da objetividade jornalística. **Princípios: Revista de Filosofia**, v. 26, n. 50, p. 335-355, 2019.

HENRIQUES, Rafael Paes. A objetividade jornalística como utopia indispensável ou como referência controversa. **Revista Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 20, n. 39, p. 31-51, jan./jun. 2021.

HENRIQUES, Rafael Paes. Entendimentos de objetividade entre os jornalistas brasileiros: o que se pretende ser, quando se quer ser objetivo. **Brazilian Journalism Research**, v. 17, p. 792-831, 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. De volta à prancheta: a pesquisa sobre objetividade da informação em três estudos contemporâneos de jornalismo. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 13, n. 25, 2014.

MEYER, Philip. **A ética no jornalismo**. Um guia para estudantes, profissionais e leitores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

MORETZSOHN, Sylvia. “Profissionalismo” e “objetividade”: o jornalismo na contramão da política. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XI, 2002, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1434.pdf. Acesso em: 18 abr. 2016.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NUZZI, Erasmo de Freitas; BARROS FILHO, Clóvis. Crítica à objetividade da mídia. In: _____. **Globalização, mídia e ética**. Temas para debates em cursos de Comunicação Social. São Paulo: Editora Plêiade, p. 125-156, 1998.



SOUZA, Rafael B. R. Por uma práxis noticiosa realista: da estética de Lucács ao jornalismo crítico-emancipatório de Genro Filho. In: **Estudos em jornalismo e mídia**. Florianópolis, v.13, n.2, p. 88-97, ago/dez 2016.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Série Jornalismo a rigor V. 4. Florianópolis: Insular, 2009.

TAMBOSI, Orlando. Elementos para uma epistemologia do jornalismo. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 26, n. 2, p 40-52, jul/dez, 2003.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2a. ed. Lisboa: Vega, p. 74-90, 1999.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Original recebido em: 03 de abril de 2020
Aceito para publicação em: 31 de maio de 2021

Rafael da Silva Paes Henriques

Professor do Departamento de Comunicação Social da UFES, docente permanente e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, da mesma Universidade. Mestre em Ciências da Comunicação pela Uminho (Portugal); doutor em Filosofia pela UFRJ e pós-Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. É autor de *Tecnologia, objetividade e superação da metafísica* e *Linguagem, verdade e conhecimento: uma análise epistemológica do jornalismo a partir de duas perspectivas semióticas*, ambos editados pela Edufes.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

